

Dom Lourenço de Almeida Prado *

Um dos mais ilustres bispos de nosso episcopado me perguntou, a propósito de um artigo recente no JB (02/12/90), em que procurei realçar a profunda verdade de uma afirmação de Kant — “o homem só se torna homem pela educação” —, se a minha intenção, ao citar esta frase, tinha sido contrapor a sua lucidez ao ruinoso e desumano equívoco em que laboram certas correntes missionárias ou indigenistas, quando propugnam, a pretexto de respeitar-lhe a fisionomia própria ou o que chamam a sua “cultura”, pela conservação do índio como ele é, ou seja, por não perturbar-lhe a vida com a oferta de nossa civilização.

Minha intenção não foi, especificamente, tocar no caso particular do índio, mas considerar, de um modo mais geral, certo relativismo ou, melhor, antiintelectualismo que, com feição variável, se espalha por várias faces da convivência humana e, sem dúvida, atinge, com força esterilizante, o terreno educativo e o missionário. O homem é um ser essencialmente educável e perfectível. Deus o criou com uma feição completamente diferente das demais seres criados. Diferente dos seres puramente espirituais — os anjos —, que foram criados na plenitude do seu ser, sem precisarem do favor do tempo para um amadurecimento; diferente também dos animais irracionais, que têm nas suas próprias forças genéticas ou instintivas o modo de ser imutável, repetido, sem originalidade, em cada geração e em cada indivíduo. O homem é um ser que cresce, um ser que se constrói.

É o que exprime de modo belo e expressivo Picco Della Mirandola, no trecho da sua *Oratio de Hominis Dignitate*, que Marguerite Yourcenar coloca na página de frente de sua *Obra em Negro*:

“Não te demos, ó Adão, um lugar definido, nem uma fisionomia determinada, nem um trabalho, ou ofício peculiar, a fim de que tenhas e ocupes aquele lugar, aquela fisionomia, aquele trabalho, aquele ofício que escolheres, segundo a tua própria aspiração e vontade. Para os demais seres colocamos na própria natureza, leis que os balizam. Tu, sem limites que te confinem, segundo o teu arbítrio, pelo qual te confiei a ti mesmo, definirás para ti o teu modo de ser. Coloquei-te no centro do universo, para que, olhando em torno de ti, pudessem mais comodamente ver tudo que há no mundo. Não te fizemos, nem celeste, nem terreno; nem mortal, nem imortal, para que, nobre e livre, pintor e arquiteto de ti mesmo, configures cuidadosamente a forma que desejares para ti.”

É o que Kant observou nessa frase

lapidar. É o que observa também acenando talvez, de modo mais vivo, o caráter de luta interior — espírito e matéria, alma e corpo — o grande pesquisador espanhol José Delgado, que apesar da sua limitação materialista, observa lucidamente que a liberdade é uma laboriosa conquista da educação. O homem nasce para a liberdade, mas não nasce livre. O cérebro humano nasce sujeito a tendências hereditárias inseridas nos seus genes. “Para o cérebro humano”, diz o pesquisador, “a normalidade é a escravidão”. A linguagem é excessiva e até incorreta, na indicação do relacionamento corpo e espírito, mas mostra, a quem souber escová-la desses defeitos, ser o crescimento educativo a via que dá ao homem a lucidez para dominar tendências instintivas e conquistar a liberdade. “Se digo”, diz Delgado, “que os homens são robôs, autômatos, é para que saibam reagir e sair do comportamento de robôs. Se creres ser livre, serás um robô”. “Para o homem ser livre deve aprender a não ser escravo” (Cf. entrevista em *L'Avenir de la vie*, M. Salomon, Paris, 1981).

A linguagem de Delgado não tem a finura espiritual da de Picco Della Mirandola, mas tem, na própria ênfase ou quase rudeza, grande força elucidativa. Ela nos conduz a perceber que no cerne dessa criatura feita de espírito e matéria está a luta educativa, que é a construção de si mesmo. Dessa luta nos fala com a nitidez de filósofo Jacques Maritain, a nosso ver, o mais lúcido e seguro pensador de nosso tempo: “o fim da educação é a conquista da liberdade interior” (*Por une Philosophie de l'éducation*, pg. 28).

Essas colocações convergem para uma conclusão transparente: a educação é necessária ao homem. Sem educação, ele não chega à plenitude humana, não torna atuante suas virtualidades germinais, não se constrói a si mesmo.

Educar-se, contudo, não é, apenas, um processo dinâmico interior de desabrochamento ou conquista da personalidade. É um processo interior estimulado e, até, embasado no convívio. Embora o pai, o mestre ou o mais velho seja apenas um auxiliar — a atividade educativa é uma *ars cooperativa naturae* — arte cooperadora com a natureza do educando, este auxiliar externo é, na verdade, indispensável. A educação é mesmo uma das expressões mais vivas e fundamentais da comunicação humana. O homem é ser essencialmente comunicativo, inclinado a comunicar-se, a oferecer comunicação. Um historiador, analisando os primórdios da escola beneditina, no início da Idade Média, faz esta emocionante observação: “a escola beneditina começou quando um alfabetizado encontrou um analfabeto e sentiu

que era dever fraterno, seu dever de gente, ensinar o outro a ler”. Não seria um ser humano normal, não seria um homem são, se dissesse como se diz tão freqüentemente em nossos dias — “é preciso deixar o outro ser o que ele é” — refugiando-se com isso no próprio egoísmo e deixando-o outro analfabeto. Não foi com essa atitude que se construiu a cristandade e a civilização ocidental.

Essa norma de conduta tão em voga, que tem um sentido legítimo, quando estimula a aceitação do outro como ele é, sugerindo uma convivência generosa com o faltoso, passa a ser um crime desumano, um crime contra a natureza humana, quando aplicado à educação e ao dever de comunicar ao outro o bem da cultura e da civilização. O homem não nasceu para ser o que ele é, mas para tornar-se o que deve ser. Para isso, tem o direito de contar com o outro.

Voltando à pergunta inicial do prelado. Minha intenção, ao citar Kant, foi, sem dúvida, mais geral. Mas se aplica ao caso. É, sem dúvida, imprescindível assegurar, para o índio, o direito a um espaço vital, mas não é justo, nem humano, negar-lhe a ajuda para o aprimoramento cultural de sua pessoa; para que cresça no conhecimento e tenha acesso ao bem da vida civilizada. Houve quem falasse, quando João Paulo II beatificava José de Anchieta, que não devia fazê-lo, pois esse missionário, como seus companheiros, veio impor ao índio uma cultura cristã e europeia, em vez de deixá-lo como ele era. Mesmo que o Cristo não tivesse fundado uma Igreja apostólica, isto é, de enviados — “ide, ensinais a todas as gentes” — essa idéia constitui um crime desumano, um crime contra o espírito. E o pior é que quem se recusa a educar, se apressa a conscientizar, isto é, a ensinar pensamentos acabados, em vez de ensinar a pensar. É assim que se transforma um ser destinado a ser livre, em simples robô.

Duas conclusões se podem tirar de ensinamento de Kant, duas intenções me moveram a comentá-las.

Primeiramente, que o homem é um ser educável. Uma vez que precisa da educação para que seja ele mesmo, para que se torne um homem livre.

Em segundo lugar, que o educador é um auxiliar. Escarva a inteligência do outro para que este descubra a verdade e se capacite para escolher. Não é um conscientizador, como quer Paulo Freire, para inculcar no discípulo frases e *slogans*, para que ele pense que pensa, quando repete automaticamente o que o professor, provavelmente, também pensa que pensa. Não é limitar o aluno a só saber ler pela cartilha do falso professor.